



A EUROPA DOS POBRES A ILHA DE ITAPARICA COMO SANATÓRIO DO BERIBERI

Daniel Juracy Mellado Paz¹

¹ Professor Assistente da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.

danielmelladopaz@hotmail.com

Resumo (Arial, 10pts, bold)

O trabalho apresenta a identificação do que seria uma epidemia, em 1865, pelo Dr. José Francisco da Silva Lima, o *beribéri*. A rápida sucessão de casos, na Bahia e demais províncias do Império, veiculados pela *Gazeta Médica da Bahia*, fez o beribéri ser reconhecido como uma epidemia. Moléstia sem causas claras, hoje conhecida avitaminose, tinha como meio de combate mais eficaz a emigração. Em Salvador, o melhor sítio para a cura climatérica foi a ilha de Itaparica, situada na Baía de Todos os Santos. Outros sítios de veraneio foram reconhecidos como igualmente salubres. Mas, em Itaparica, conhecida como *Europa dos Pobres* no final do séc. XIX, essa procura deflagrou um processo de vilegiatura marítima em uma cidade então decadente economicamente.

Abstract (Arial, 10pts, itálico, bold)

The paper presents the identification of what would be an epidemic in 1865 by Dr. José Francisco da Silva Lima: the *beriberi*. The fast records of cases in Bahia and other States of the Brazilian Empire, reported by the *Gazeta Médica da Bahia*, made the beriberi be recognized as an epidemic. The beriberi, now known avitaminosis, was a disease without a clear cause, and its most effective remedy was simply the emigration. In Salvador the healthiest place was the island of Itaparica, in the Baía de Todos os Santos. Other vacation sites were recognized as equally healthy, but in Itaparica, known as the *Europe of Poors* at the end of the 18th century, the demand started a process of maritime vacation in a city then decadent economically.

Palavras-chave (Arial, 10pts, bold)

Itaparica, beriberi, vilegiatura marítima, sanatório

Keywords (Arial, 10pts, itálico bold)

Itaparica, beriberi, maritime vacation, sanatorium

1 A Epidemia de Beriberi na Bahia e no Brasil

Em novembro de 1865, o Dr. José Francisco da Silva Lima inicia a publicação de uma série de artigos onde julga demonstrar o reconhecimento de uma epidemia singular a grassar em Salvador, a partir do exame de pacientes entre 1863 e 1864. Descrevendo seus efeitos, identifica-a com uma moléstia endêmica nas Índias Orientais: o *beribéri*¹. Essa série de artigos, de título *Contribuição para a História de uma Moléstia que reina actualmente na Bahia sob a forma epidêmica, e caracterizada por paralysis, edema, e*

¹ A primeira menção a tal doença aparece na *Gazeta Médica da Bahia*, ano I, n.6, de 25 de Setembro de 1866, em nota intitulada *Paralysias epidêmicas*, que descreve uma "epidemia de paralysias" observadas em asilo de órfãos em Lisboa, pelo Sr. Bernardino Antonio Gomes. Nessa cobertura, nega-se que a epidemia detectada em Lisboa seja a mesma da Bahia, a ser descrita nos números seguintes pelo Dr. Silva Lima, pelo caráter não-letal da primeira.



fraqueza geral, é publicada na então recém-criada *Gazeta Médica da Bahia*, ao longo de 1866 e 1867².

Colegas foram percebendo casos similares na cidade, com tanta constância que “constituem uma verdadeira epidemia” (SILVA LIMA, 1872, pag. 8). A princípio, alguns contestaram as observações de Silva Lima, como o Dr. José de Goes Siqueira, professor de Patologia Geral na Faculdade de Medicina e Inspetor da Saúde Pública. Ele respondeu ao alarme do Dr. Silva Lima, em seu relatório sobre o ano de 1866, contestando o caráter epidêmico da nova moléstia e mesmo sua existência como entidade mórbida autônoma; considera-a um mal da modernidade, a alteração das atividades orgânicas e funcionais dos centros nervosos dada pelos novos hábitos e condições da vida. A partir de 1876, quando o próprio Dr. Silva Lima tornou-se responsável pela Inspetoria de Higiene, o beribéri passa a ser assunto dos relatórios. Apesar da falta de estatísticas confiáveis que a estabeleçam como moléstia relevante, confiando-se no parecer da comunidade dos clínicos³.

A obra de Silva Lima será leitura obrigatória para os trabalhos nacionais posteriores, em especial a classificação das “formas” com que a epidemia se manifestava⁴, adotada incontinenti a partir daí, a ponto de ser tópico sistemático de avaliação dos recém-formados na Faculdade de Medicina da Bahia, na seção *Proposições*. Mais do que isso, o reconhecimento da epidemia na Bahia e a veiculação pela *Gazeta Médica* local deflagram o reconhecimento de epidemias similares nos mais variados locais do Brasil, sempre publicados no mesmo periódico. Em 1867, notícias de casos em Minas Gerais, Pará e Mato Grosso⁵. Estes relatos se dão enquanto Silva Lima publica seus artigos; não se esperou concluir a longa série de artigos.

Aconteceu que então me chegaram as mãos os números da *Gazeta Médica*, em cujas paginas, um pratico notável, o Dr. Silva Lima, descrevia minuciosamente uma doença offerecendo a mais perfeita identidade com o que eu observava, e a qual grassava com o seu caracter especial de gravidade na província da Bahia. Então despertou-se-me a atenção e li alguma cousa sobre o *beribéri* dos Indios, e d’ahi veio o meu conhecimento acerca d’essa endemia celebre, que julgo offerecer uma grande analogia com a epidemia do exercito. (MOURA, 1867, pag. 271).⁶

² Tais artigos são reunidos em livro, acrescido de apêndice, chamado *Ensaio sobre o Beriberi no Brazil*, que sai em 1872, pelas Livrarias de J.B. Martin, Catilina e C. e Viúva Lemos, 1872.

³ O obituário publicado nas folhas diárias não nos merece a menor confiança, quanto aos diagnósticos allí declarados; muitos casos fataes d’esta moléstia estarão classificados nas paralyrias, nas hydropisias ou incluídos na designação vaga de *moléstia interna*, que equival a *ignorada*. O serviço regular de registro de óbitos, é, infelizmente, cousa ainda desconhecida na Bahia, e sel-o-há talvez ainda por muito tempo. (SILVA LIMA, 1876a, pag. 198).

SILVA LIMA. Estado sanitário da cidade durante os últimos quatro mezes; moléstias reinantes. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.5, ano VIII. Salvador, maio 1876a.

⁴ Os sintomas gerais não se apresentavam na mesma ordem e intensidade. Havia a forma *paralítica*, com dormência, fraqueza e paralisia dos músculos; a forma *edematosa*, com cansaço na respiração, aumento da parte média das pernas, e edemas; e uma terceira forma, *mixta*, mesclando os sintomas. Todas estas concluía com a asfixia. Cada qual com modalidades próprias de tratamento; o que era adequado e eficiente para uma das formas revelava-se prejudicial para outra.

⁵ MOURA, Júlio Rodrigues de. Estudo para servir de base a uma classificação nosológica da epidemia especial de paralyrias que reinou na Bahia. In *Gazeta Médica da Bahia*. n.57, ano III. Salvador, 15 dez 1868.

⁶ MOURA, Julio Rodrigues de. Ainda a intoxicação paludosa no exercito brasileiro em operações contra o Paraguay. In *Gazeta Médica da Bahia*. n.47, ano II. Salvador, 15 jun 1868.



Em 1867, registros no Amazonas⁷ e no Pará⁸. Em 1871, relatos de surto em Santa Catarina⁹ e em Pernambuco¹⁰. Em 1872, aparecem notícias do beribéri no Ceará (pelo menos desde 1870)¹¹ e na capital federal, Rio de Janeiro. Sabendo hoje que o beribéri é uma avitaminose, não é provável que, no Brasil inteiro, sua manifestação tenha ocorrido na mesma época. Podemos compreender que certas circunstâncias em Salvador tenham propiciado as condições para sua manifestação generalizada na cidade¹². No entanto, os relatos se dão no Brasil inteiro. Provável que a própria identificação de uma moléstia à parte, destacando-a de símiles sintomatológicos propiciou a identificação de um problema que, basicamente uma carência alimentar, ocorria com constância mas se ocultava sob a rubrica de outras enfermidades.

Existe aqui um problema historiográfico típico da Medicina: seriam todos os casos, de fato, o da avitaminose que hoje chamamos de beribéri? Mais de 40 anos depois dessa sensação de epidemia, o Prof. Clementino Fraga (1917)¹³ questionou a identificação da moléstia em vários destes lugares, como no Pará, Maranhão e Pernambuco¹⁴. Em 1914, o Dr. Oswaldo Cruz argumentou que o que se chamava na Amazônia de *beribéri galopante* seria a malária sob nova forma; contando com recursos e conhecimentos muito diferentes daqueles dos anos 1870, pôde encontrar no sangue dos enfermos o hematozoário da malária¹⁵. No entanto, para a compreensão do fenômeno urbano que se seguiu à notificação da epidemia, vale a *representação coletiva* de uma doença, e não sua existência em si mesma.

No entanto, o aumento do universo de casos não simplificou a investigação da doença. Aquilo que então se identificava como beribéri tinha uma etiologia enigmática e esquiva. Não obedecia a nenhum padrão entre as categorias com que se trabalhava – idade, gênero, raça, localidade, hábitos, profissão. Atingia a todas as classes sociais, homens e mulheres, na capital e no interior da Província. Desde o escravo e presidiário, até aos “favorecidos da fortuna, que vivem nas melhores condições higienicas” (SILVA LIMA, 1872, pag.1)¹⁶. Mesmo aqueles que vinham da capital não pareciam incidir especificamente em uma localidade ou sob condições higiênicas homogêneas, num primeiro momento.

Os tratamentos se sucediam, num coquetel terapêutico: banhos e fricções os mais diversos, diuréticos, diaforéticos (sudoríficos), drásticos (purgantes), reconstituintes,

⁷ LEMOS, Luiz Ferreira de. Observação de uma moléstia que reinou, no anno passado, no Alto Amazonas (Rio Madeira), sob a forma epidêmica, e caracterizada por paralysis e fraqueza geral. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.43, ano II. Salvador, 15 abr 1868.

⁸ LEMOS, Luiz Ferreira de & BRICIO, Jayme Pombo. Observação de um caso da moléstia caracterizada por fraqueza geral, edema e paralysis. In *Gazeta Médica da Bahia*, ano III. Salvador, ago 1868.

⁹ SILVA LIMA. Beriberi na Província de Santa Catarina. In *Gazeta Médica da Bahia* n. 98, ano V. Salvador, 31 ago 1871.

¹⁰ SÁ PEREIRA, 1871 apud SILVA LIMA. O Beriberi em Pernambuco. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.108, ano V. Salvador, 31 jan 1872.

¹¹ Beriberi no Ceará. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.129-130. Salvador, 5 e 31 dez 1872.

¹² Segundo Carlos Alberto Oliveira, em seu *Medicina e Estado* (apud BRAGA RIOS, 2001¹²), o beribéri fora causado pelas crises alimentares na cidade, falta de farinha e carne verde, a partir de 1860, como teria apontado Oto Wucherer, em artigos na *Gazeta Médica da Bahia*, na edição de 15 de julho de 1868.

¹³ Beri-beri no Brasil. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.2, ano XLVII. Salvador, ago 1917.

¹⁴ Lembrando que o próprio Dr. Sá Pereira, ao estudar a epidemia na Casa de Detenção, cogitava uma quarta forma do beribéri, dada a ausência de edema e paralisia, marcas distintivas da mesma.

¹⁵ Epidemiologia do valle do Amazonas. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.7, ano XLV. Salvador, jan 1914.

¹⁶ Não é, no entanto, o que diz Edgar de Cerqueira Falcão (1976, pag. 7), acusando que a doença atacava a classe alta da população. Contudo, podemos creditar isso a um descuido do historiador, já que todos os relatos do séc. XIX falam da equidade da distribuição das ocorrências.



excitantes, duchas e banhos salgados, preparados arsenicais e ferruginosos. O último recurso, e aquele verdadeiramente efetivo, era a *emigração*.

Bastava mudar de ares que o enfermo recobrava sua saúde. Meramente sair do lugar em que se estava era, em si, a escapatória à doença; a recomendação topográfica mais genérica que se pode estabelecer. O demais era paliativo no caso da impossibilidade da emigração.

Em épocas epidêmicas o primeiro conselho a dar-se é a mudança de localidade onde reina o mal; se, como infelizmente é mais comum, semelhante medida não pode ser posta em execução, os preceitos higiênicos não deverão de modo algum ser esquecidos: assim é que deve-se abster dos excessos venéreos, dos das bebidas alcoólicas, das vigílias prolongadas, dos excessos, enfim, de todo o gênero. (MORETZSOHN, 1880, pag. 105)¹⁷.

A situação chegara a um grau em que os médicos reconheciam que os visitantes não eram afetados pela moléstia, apenas aqueles que viviam no lugar há mais tempo, seja nativo ou estrangeiro. Dada a estranha característica do tempo de residência ser um fator-chave para o beriberi, bastava se tornar um recém-chegado para que o mesmo não se manifestasse. Eis um dos motivos da mudança de ares: não apenas porque os ares alheios eram bons, mas porque eram *diferentes*. E é pela emigração que um fenômeno geográfico – aquilo que nos interessa primeiramente – aparece.

2 Itaparica, a Europa dos Pobres

Seria exaustivo listar as recomendações de emigração, que era consensual em todo o país. De Norte a Sul, passando pela capital federal, e mesmo na literatura estrangeira: a saída era sempre migrar. Mas, para onde? Diz Silva Lima, a maior autoridade brasileira sobre o assunto:

Raro é o paquete que não leva para a Europa algum beriberico, e em algumas estações do anno, como succede presentemente, a emigração d'estes doentes é muito numerosa. Felizmente para estes, se não embarcam já tarde, a cura é certa, e às vezes muito rápida. (...)

É fácil imaginar a sorte dos que não podem dispor a tempo d'este efficacíssimo recurso; transportem-se para a beira mar, ou para localidades ao alcance de suas posses, ou submeterem-se a uma therapeutica ainda muito incerta para inspirar confiança ao medico e ao doente; com quanto em alguns casos, e não poucos, felizmente, hajam estes meios sido coroados de êxito feliz, subsiste sempre a incerteza e a desconfiança no espírito do facultativo quando se vê forçado a substituir os meios heróicos pelos duvidosos. (SILVA LIMA, 1876, pag. 198)¹⁸.

Primeiro, portanto, *para fora do lugar* onde se adquiriu a doença. Em segundo lugar, ênfase principalmente para *fora da zona intertropical* – lembrar-se que se considerava o beribéri uma moléstia tropical – e, na falta de alternativas, para um lugar à beira-mar.

Para os beribéricos de Salvador, um local elevou-se sobre os demais: a ilha de Itaparica, em especial a cidade do mesmo nome, situada a Noroeste da ilha que se

¹⁷ MORETZSOHN, Luiz Carlos. *Beriberi*. These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e sustentada perante a Faculdade de Medicina da Bahia em 31 de dezembro de 1879. Bahia, 1880.

¹⁸ SILVA LIMA. Estado sanitário da cidade durante os últimos quatro mezes; moléstias reinantes. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.5, ano VIII. Salvador, mai 1876.



contrapõe à península onde situa-se Salvador, do outro lado da barra da Baía de Todos os Santos.

Itaparica, refugio para beribericos – A notória salubridade de muitos lugares da ilha de Itaparica induziu a alguns médicos d'esta cidade a mandarem para lá aquelles dos seus doentes de beribéri, que não podiam, ou não queriam viajar para fora dos trópicos.

(...)

Itaparica é, pois, sem contestação, excellente refugio para *sanatorium* contra o beribéri para as pessoas que não podem emigrar para a Europa ou para o Sul do Império, e como tal deve merecer a confiança da classe medica, e também a atenção do governo provincial, que pode facilitar aos doentes pobres este beneficio¹⁹.

A prova da salubridade do meio era a ausência de um caso sequer da moléstia nos residentes da ilha. Até então aproximadamente 50 beribéricos foram a tal cidade, de 1874 a 1875, e se curaram. Quando da visita dos Drs. Silva Lima e Pacífico Pereira, em 1876, para averiguar pessoalmente a situação, haviam cerca de 20 doentes em tratamento, alguns pela segunda vez. Em dezembro de 1876 mesmo ano, já falavam em mais de 60 beribéricos em tratamento, quase todos soteropolitanos²⁰. O próprio governo reconheceu as vantagens da ilha. Em 1876, quando houve surto de beribéri no Quartel da Palma, seus enfermos foram enviados para Itaparica²¹. Em 1877, o jornal *Correio da Bahia* de 19 de janeiro anunciava que os soldados do 14º Batalhão, mesmo aqueles que chegaram à ilha em estado grave, carregados em padiolas, estavam já restabelecidos.

Por ser um sucedâneo da viagem para locais mais distantes, a ilha foi chamada de *Europa dos Pobres*, alcunha recorrente usada pela primeira vez pelo Dr. Luís Alves dos Santos, em relatório anexo à Falla 56ª. Legislatura da Assembléia Provincial da Bahia, 01.03.1877, p. 14 (BRAGA RIOS, 2001).

O papel de Itaparica como sanatório natural sobrevive à virada do século, como se observa no caso dos beribéricos do Asilo João de Deus (CIRCUNDES DE CARVALHO, 1904, pag. 379). E em 1923, o Dr. Pirajá da Silva falará das virtudes terapêuticas do clima de Itaparica. Não somente era um lugar benfazejo, como os poucos casos letais não seriam propriamente beribéri, mas outras doenças.

Aqui se registra um fenômeno urbano: acompanha-se Itaparica, como extensão dos problemas da capital com o beribéri. Para isso, teria a ilha uma enfermaria militar provisória para beribéricos, aberta em dezembro de 1876, dados os constantes surtos epidêmicos em várias guarnições.

A enfermaria da Ilha de Itaparica, aberta em Dezembro de 1876, recebeu até Junho de 1877 oitenta beribéricos, dos quaes succumbiram sómente sete, segundo faz notar o Dr. Domingos Carlos, e nos domicílios, sobre 200 casos observados por este pratico, falleceram apenas 9 individuos.

¹⁹ SILVA LIMA, Itaparica, refugio para beribericos. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.10, ano VIII. Salvador, out 1876.

²⁰ SILVA LIMA. Modificações meteorológicas; erysipela e lymphangite; cólicas e diarrhéas; febres paludosas e typhicas; beriberi. febre amarella; varíola. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.12, ano VIII. Salvador, dez 1876b,

²¹ BERIBERI NO QUARTEL DE PALMA. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.3, ano XII. Salvador, set 1880.



D'onde se vê que para aquella enfermaria tem-se uma mortandade de 4 por 100 e para os domicílios 2 1/2 por 100, entretanto a mortalidade na capital sobre de 62 por 100. (AMARAL, 1879, pag. 39)²².

O Dr. Pirajá da Silva acrescenta: estes 80 beribéricos, em sua maioria, estavam na enfermaria do Hospital Militar de Salvador, até a medida emergencial. Dos sete falecidos, dois morreram logo após a chegada, e outros dois nas primeiras 24 horas. Entre os curados em domicílio, o desempenho fora ainda mais surpreendente; dos curados, alguns que sem sucesso estiveram na Europa; dos 9 óbitos, quatro haviam falecido horas depois da chegada

Agora só me cabe proclamar bem alto que a eficiencia do clima de Itaparica, na cura do beriberi, não permite a minima duvida perante as estatisticas e em face das provas incontestes dos factos. Nada mais pode empanar o brilho da justa fama, que a Ilha de Itaparica, possui de sanatório ideal, para o beriberi, e algumas doenças outras que affligem a humanidade. (PIRAJÁ DA SILVA, 1923, pag. XXXVI).

Analisando os dados, Silva Lima conclui que

(...) do 1º de Junho a 15 de Novembro (5 mezes e meio) foram remettidos apenas 9 beribericos, o que dá prova de ter melhorado consideravelmente, em relação ao beribéri, o estado sanitário da guarnição da cidade, pois que em um período anterior quasi igual (6 mezes incompletos) fornecera àquella enfermaria 71 doentes d'esta moléstia²³. (SILVA LIMA, 1877, pag. 536).

Pirajá da Silva continua com os dados abonadores:

No anno de 1878, o Dr. Euclides Alves Requião teve sob sua competente direcção, na enfermaria de beribericos em Itaparica, 53 doentes, sendo 27 homens e 26 mulheres; falleceram 19 e sahiram curados 34. Convem notar que dos fallecidos, uns entraram em estado grave, devido a doenças outras, concomitantes; um entrou agonizante e um outro contraiu a febre typhica, de que succumbiu. (PIRAJÁ DA SILVA, 1923, pag. XXXVI).

No entanto, essa enfermaria fechou²⁴. Talvez pela própria extinção da epidemia entre a sua tropa, como observado pelo Dr. Silva Lima. Porém outra enfermaria será estabelecida em Itaparica, agora não mais provisória.

A [Enfermaria] de *Berbericos* – Esta enfermaria, collocada na fortaleza de S. Lourenço, na ilha e cidade de Itaparica, recebe militares affectados de beribéri e de outras moléstias intercorrentes. Está ao cargo do Dr. Augusto Flávio Gomme Villaça, director da Casa de Saúde na mesma cidade, que tem contracto lavrado com o ministério da guerra para esse serviço. (VIANNA, 1893, pag. 359).

O mesmo Dr. Augusto Flavio Gomes Villaça, responsável pela enfermaria e pela casa de saúde, será o delegado de Hygiene da Cidade de Itaparica.

Naquele então, o hospital era uma instituição temida e evitada; recorria-se quando o enfermo situava-se em estado avançado da doença ou mesmo terminal, para obter os

²² AMARAL, Augusto César. *Berberi*. These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 22 de setembro de 1879 para ser sustentada por Augusto Cesar do Amaral. Rio de Janeiro, 1879.

²³ SILVA LIMA. Meteorologia; febres; varíola; o beribéri e a água d'Itaparica; as exhalações dos prédios incendiados. In *Gazeta Médica da Bahia*, n. 12, ano VIII. Salvador, dez 1877.

²⁴ OS BERIBERICOS DO HOSPITAL DA CARIDADE. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.2, ano XI. Salvador, fev 1879.



sacramentos da morte cristã, inclusive o sepultamento, nos hospitais de ordens religiosas (BRAGA RIOS, 2001). Quando a doença ainda não avançara tanto buscava-se o apoio de outras instituições terapêuticas. Entre estas, as casas de saúde, estabelecimentos particulares, de propriedade de médicos, não pertencentes a irmandades ou sociedades beneficentes. Assim, nem sempre os bons resultados da recuperação eram devidos à eficiência particular do tipo da instituição ou do estabelecimento específico, mas ao seu perfil de clientela.

Em 1882, inaugurou-se uma casa de saúde na então Vila de Itaparica, e propriedade do facultativo Augusto Flávio Gomes Vilaça. Em 10 anos de funcionamento, informa-nos Lycurgo Santos Filho, este estabelecimento internou 541 pacientes, com ínfimo índice letal. Mas, é bom lembrar, que as casas de saúde não recebiam doentes “gravíssimos”, sendo, assim, difícil conferir a esses resultados estatísticos favoráveis, a qualidade do tratamento e dos médicos responsáveis. (BRAGA RIOS, 2001, pag. 167).

A casa de saúde, fundada em 18 de janeiro de 1882, situava-se “no poente da cidade próxima do mar e em um edifício de grandes dimensões com proporções para 30 doentes em aposentos amplos e arejados” (VIANNA, 1893, pag. 359). E recebia, além dos beribéricos, operandos e convalescentes de doenças não-contagiosas²⁵. Segundo o próprio Villaça, recebia

por ordem do ministro respectivo, funcionarios da marinha de diversas cathogorias e todos restituídos à saúde; assim como paisanos d’este e de outros Estados que continuam a procurar este estabelecimento para allivio de seus males phisicos, sendo raros os casos de óbitos contados durante o anno que finda-se hoje, à excepção dos que falleceram de moléstias intercorrentes ou por terem chegado quasi moribundos (VILLAÇA, 1897, pag. 7).

O Dr. João Soledade, em 1905²⁶, cita pacientes que acompanhou, onde vários eram clientes da Casa de Saúde. Em 1909, o estabelecimento ainda funcionava; e foi nele que o afamado Dr. Alfredo de Britto faleceu, aos 43 anos de idade, no dia 13 de maio, onde se encontrava em tratamento contra infecção paratífica, complicada por beribéri (BRITTO, 2002, pag. 329).

Curiosamente, Itaparica era vista como um lugar benfazejo para enfermos de outras moléstias.

Continúa a ser lisongeira a salubridade deste torrão, segundo affirma e testifica o grande numero de casos de beribericos frequentemente aqui aportados de diversos pontos deste Estado, e mesmo de fóra, os quaes todos regressam são e salvos quando não dão-se intercurrências e moléstias graves.

Com feliz resultado têm sido também tratadas aqui outras moléstias, importadas ou não, principalmente as affecções nervosas, engorgitamentos hepaticos, soffrimentos de estomago e febre rebeldes, devidas ao impaludismo, sendo freqüente este mal no littoral da ilha, principalmente na estação invernosa e mais benigna na estação quente. (VILLAÇA, 1897, pag. 5).

²⁵ A Casa de Saúde de Itaparica foi apresentada aos pacientes como o “espaço perfeito para receber doentes de beribéri, de febres miasmáticas, moléstias crônicas e nervosas e aos convalescentes de qualquer moléstia não contagiosa (...)”. A ilha tinha, para aquela época, um perfil ideal para tratamento de saúde. (BRAGA RIOS, 2001, pag. 69).

²⁶ Hematologia do beribéri. In: *Gazeta Médica da Bahia*, n.10, ano XXXVI. Salvador, abr 1905.



A afluência de visitantes por motivações climatéricas, em especial como resposta à suposta epidemia de beribéri, parece ter sido responsável pela vilegiatura na Ilha de Itaparica.

A villa [de Itaparica], hoje cidade, é de data recente; a própria Villa compõe-se de uma aglomeração de casas, em geral baixas, de construção feia, com alguns sobrados, em ruas estreitas e mal calçadas, porém mais ou menos rectas.

Depois que se descobriu serem os ares e a água da cidade (*fonte da bica*) proveitosos aos doentes de beribéri, é que a sorte da Villa, já bem decadente, muito se melhorou, pela grande affluencia de doentes que alli procuravam melhorar, construindo-se novos quarteirões com casas elegantes e alegres, nem só n'uma rua do lado de N.E., a que seu o pomposo nome de *Boulevard*, como, ao S. da cidade, n'um campo, que tomou o título de *Campo Formoso*. (VIANNA, 1893, pag. 445).

O que deflagrou a visitação para Itaparica foi a busca pelo seu ambiente salubre, com o apoio da enfermaria e da casa de saúde. A mesma *Memória* ao descrever a situação física da ilha, dá sinais das antigas atividades econômicas, minguantes, como os resquícios da antiga indústria caieira, dos alambiques, dos estaleiros. E mesmo extintas, como a cordoaria e a caça e beneficiamento das baleias, que tinha célebre Armação na ilha. Notícia de 1877 já mostrava esse fenômeno em seu início:

Muitas das pessoas que para aqui vieram, ou por doentes ou para passar a festa, agradaram-se tanto da localidade que teem comprado casas para retirarem-se para aqui durante a estação quente²⁷.

O que não temos registros é do veraneio em Itaparica sem fins terapêuticos nessa época; a menção de “passar a festa” nos informa pouco, uma vez que não havia na ilha, desde então, festas populares que galvanizassem os veranistas à maneira dos arrabaldes soteropolitanos, em especial o Bonfim e o Rio Vermelho.

O grande empecilho para a vilegiatura de Itaparica era o transporte. Que tornava o sanatório uma Europa não tão acessível para os realmente pobres, algo observado pelos médicos que estudavam o assunto.

A distancia e dificuldades das viagens ainda a tornam pouco acessível à maioria da população, e a não ser a iniciativa particular que há bem pouco tempo estabeleceu para aquelle ponto uma carreira de viagens diárias a vapor, muitos dos doentes, que alli estão recuperando a saúde, ficariam talvez privados d'esse recurso salvador.

Itaparica é hoje o sanatório dos beribéricos, é a *Europa dos pobres*, é mister pois que o governo auxilie a população da Bahia constantemente assaltada há muitos annos por esta terrível endemia, estabelecendo, pelo menos, uma linha de viagens diárias a vapor para aquella ilha, com passagens por preço módico antes que se interrompam as que actualmente se fazem, por concessão particular, e que, segundo nos consta, estão em risco de ser suspensas, porque não dão interesse à empresa²⁸.

Observa-se, porém, que a travessia da baía é uma dificuldade, tornando a ilha pouco acessível à maioria da população, que se manterá cronicamente, até os dias de hoje. Francisco Vicente Vianna observa que o fluxo de pacientes repercutiu no serviço de transporte.

²⁷ OS BERIBERICOS EM ITAPARICA. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.1, ano IX. Salvador, jan 1877.

²⁸ Idem.



É estação da linha de vapores de Nazareth que ahi tocam três vezes por semana da vinda da capital e outras tantas na ida, e de uma especial creada em consequência do augmento da população beriberica e da affluencia da da capital que em grande parte reside alli, e que dá todas as manhãs, uma viagem para a Bahia, voltando à tarde. (VIANNA, 1893, pag. 446).

Se o beribéri era uma doença de etiologia desconhecida, o poder curativo de Itaparica, ainda que reconhecido, tinha causa igualmente enigmática. Apesar da constante recomendação da beira-mar como meio salubre, precisamos lembrar que “a indicação para hospitais e enfermarias em ilhas, ou em localidades afastadas da cidade, era uma prática comum no Império” (BRAGA RIOS, 2001, pag. 68). Ademais, como o acesso era basicamente hídrico, estabelecimentos terapêuticos eram pensados em função do porto e da mobilidade: daí *hospitais de isolamento* próximos aos portos, e mesmo *hospitais flutuantes*. Nem sempre a localização litorânea se ditava pela salubridade do litoral. Contudo, as benesses do sítio pareciam cruciais para Itaparica

As características do meio em Itaparica deveriam ser similares, pelo menos ao olhar dos estudiosos do beribéri no séc. XIX, às de outros sítios também reputados como salubres, embora sem o mesmo desempenho. A Península de Itapagipe, local tradicional de veraneio, era um desses lugares.

N’esta cidade tem-se curado alguns em estado muito grave na península d’Itapagipe e especialmente na Penha; esta localidade, quasi inteiramente cercada de mar, com um solo arenoso e enxuto, offerece um refugio vantajoso para os beribericos que não podem ou não querem ir para a Europa ou para Itaparica, porém muito menos seguro. (SILVA LIMA, 1878, pag. 257)²⁹.

A Penha parecia ter virtudes terapêuticas mesmo no séc. XX, em época já avançada. Quando da crise de beribéri entre os presos da Penitenciária do Estado, em 1933, o médico da instituição, o Dr. João I de Mendonça, observava que, retirados do lugar, iam para Penha, onde, mal chegando, se restabeleciam³⁰. Assim como outra parte da mesma península de Itapagipe, a região de Monteserrate:

A Ponta de Monteserrate tambem gosa de justa nomeada na cura do beriberi.

O Dr. Silva Lima, accometido de beriberi, lá se restabeleceo, enquanto esperava o paquete, que o devia transportar para a Europa, observação esta que me referiu um seo collega, testemunha coetanea. (PIRAJÁ DA SILVA, 1923, pag. XXXI).

Entendia-se o sítio de Montserrate como um lugar adequado para sanatório.

Depois de diversos exames, escolheu S. Ex. [o Governado do Estado] a parte de Mont-Serrat justamente reputada como um ótimo sanatório para o beribéri e ali fez instalar nas dependências de um convento uma enfermaria de ocasião, para onde foram transferidos vinte e seis alienados acometidos da moléstia. (CIRCUNDES DE CARVALHO, 1904, pag. 381).

E, no outro extremo da expansão litorânea da cidade, os sítios da Barra e Rio Vermelho, também tradicionais lugares de veraneio.

²⁹ SILVA LIMA. Alterações meteorológicas; moléstias reinantes; febres palustres; febres amarella; beribéri; variola. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.6, ano X. Salvador, jun 1878.

³⁰ MENDONÇA, João I. de . O Beriberi na Penitenciária da Bahia (Sintomatologia e incógnitas antigas do problema). In: *Bahia Médica*, n.3, ano V. Salvador, mar. 1934.



(...) este ultimo caso terminou pela morte, ao contrario de outro observado há cerca de 16 annos pelo meu amigo Dr. Santos Pereira, em um nosso collega, que tendo ido para o Rio Vermelho, atacado de beribéri, foi ali accommettido de variola, e simultaneamente se restabeleceu de ambas as moléstias, sem que desde então o beribéri, como frequentemente succede, tenha reincidento. (SILVA LIMA, 1890, pag. 57)³¹.

E ainda:

Na Bahia os logares para onde são mandados os beribericos, são: o Rio Vermelho, a Barra e a ilha de Itaparica; nessa ilha os resultados têm sido muito vantajosos e da mesma maneira na povoação do Rio Vermelho; ali, em uma outra localidade, à beiramar, os doentes fazem uso quasi exclusivamente dos banhos de mar e quasi sempre com os melhores resultados; não temos, porém, estatística que nos possa orientar³².

Embora os banhos salgados fossem uma terapia à disposição dos beribéricos, e dos enfermos de um modo geral, no veraneio litorâneo – dentro do quadro hidroterápico do séc. XIX – não era este o fator ambiental aventado para a explicação do clima salubre.

O Dr. Silva Lima acreditava que era a composição arenosa do solo de tais lugares, que garantiria um ambiente “enxuto”, e os ventos constantes. No entanto, Pirajá da Silva, de quem já conhecemos o entusiasmo pelos verdadeiros milagres operados pela natureza em Itaparica, a distingue dos demais lugares de vilegiatura marítima.

Verdadeiras ressurreições têm sido testemunhadas por gente leiga e bem assim por luminares da medicina [em Itaparica]. O provector Prof. Prado Valladares observou, admirado, a melhora rapida num caso de beriberi edematoso em cliente seu, a quem mandara para Itaparica e vira, no fim de cinco dias, completamente desinfiltrado.

Como explicar taes maravilhas? Haverá influencia das brisas marinhas? Do clima? Da alimentação constituída por peixes, mariscos frescos e substancias outras ricas de vitaminas? Será que existe na atmosphaera algum elemento mysterioso?

Não será a famosa agua da Fonte da Bica? Poder-se-á attribuir o efeito therapeutico, à sua composição chimica? Ou, possivelmente, à sua radioactividade?

Porque a tão pequena distancia da capital, onde se desenvolve o beriberi, é Itaparica um sanatório?

Porque não se observa o mesmo na Barra e no Rio Vermelho?

Não sei e não encontrei ainda quem m’o explicasse.
(PIRAJÁ DA SILVA, 1923, pag. XXXI).

No entanto, como visto antes, mesmo Itaparica poderia ser proibitiva para alguns pacientes. Silva Lima estabelece, em coerência com o que deveria ser a causa do êxito de Itaparica, alguns paliativos.

Mas, como a grande maioria dos doentes não pode emprehender viagens dispendiosas, e tendo-me a experiencia mostrado, igualmente, que a maxima parte das pessoas affectadas de beriberi pertencem às classes de vida pouco activa; e que a mudança de localidade influia favoravelmente na marcha da molestia, comecei a recommendar aos

³¹ SILVA LIMA. A variola no Hospital da Caridade no período de 35 annos, de 1855 a 1889. In *Gazeta Médica da Bahia*, n.2, anno XXII, ago 1890.

³² SANTOS, Domingo Pedro dos. Relatório da Enfermaria de beribericos da Marinha, em Copacabana, em 1897. In *Gazeta Médica da Bahia*, n. 8, ano XXX. Salvador, fev. 1899. Pag. 369.



meus doentes, não só o exercício compatível com as suas forças, como, principalmente, as mudanças frequentes de localidade; e para tornar praticável este preceito para o maior numero possível de enfermos, tenho aconselhado passeios diários de algumas horas pelos caminhos de ferro urbanos, e isto com uma vantagem superior à minha expectativa. A outros aconselhei, com igual proveito, viagens amiudadas nos vapores que diariamente cruzam a bahia, entre a capital e os portos do Reconcavo, ou de barra fóra (Valença), viagens pouco dispendiosas, e, por isso, ao alcance das classes menos abastadas. (SILVA LIMA, 1872, pag. 225).

3 Uma Conclusão

A partir do momento em que a única solução, consensual e comprovada, para enfrentar o que se entendeu inicialmente como uma epidemia – e depois se tornou endêmica – era um lugar salubre, criou-se um reforço no deslocamento das pessoas da Salvador da virada do século XIX ao XX. Esse sítio saudável era à beira-mar, e sem sucedâneo eficiente na forma de tratamento ou fármaco, o efeito parece ter sido a ativação da vilegiatura litorânea na ilha de Itaparica, limitada pelas dificuldades de acesso, e o reforço da vilegiatura em arrabaldes em franco dinamismo – na Península de Itapagipe, na Barra e no Rio Vermelho.

Precisamos destacar que não era algo intencional, mas acidental. Algo que fugia completamente ao controle dos médicos. Em outro momento argumentamos que a produção da Medicina orbita sobretudo em função de situações-problemas de uma dada sociedade; no caso de Salvador, muito em torno do beribéri, da tuberculose e da malária (PAZ, 2011). E, nisso, há um certo *império do empírico*: aquilo que se demonstra como efetivo tem um poder avassalador, a despeito da total ignorância teórica, ou mesmo de operar a contrapelo das doutrinas em vigor. Com a palavra, novamente Silva Lima:

A ilha de Itaparica ainda conserva a reputação do melhor *sanitarium* para beribericos, especialmente para os que a não procuram demasiado tarde, ou quando a moléstia não é complicada de outros padecimentos graves; porque, nas condições contrarias, nem a mudança para fora dos trópicos lhes é garantia segura. D'isto há numerosos exemplos, nos quaes, bem entendido, não se devem contar os casos de diagnostico duvidoso ou errôneo. Ou o beriberico foge de alguma cousa que o infectava no logar onde adoeceu, ou encontra lá alguma cousa que o cura; isso é certo; mas o *que*, ainda se não pode averiguar; entretanto é indubitável que, em regra, elle sara com a simples mudança e com a residência em Itaparica, pois não se pode rasoavelmente attribuir esse resultado aos meios therapeuticos que lá e aqui falham, como falham de ordinário em toda a parte quando desajudados da benéfica influencia dos recursos da hygiene.

Esta notória influencia das condições climatológicas da pittoresca ilha na cura do beribéri, influencia que, alias, é commum a outras localidades facilmente accessíveis aos doentes, tem sido geralmente acceita como um facto de alta importancia pratica, com quanto o seu modus operandi careça de explicação satisfactoria [grifo nosso]. (SILVA LIMA, 1877, pag. 532)³³.

BIBLIOGRAFIA

BRAGA RIOS, Venétia Durando. *Entre a Vida e a Morte: médicos, medicina e medicalização na cidade do Salvador 1860-1880*. Salvador, set 2001. Dissertação de

³³ SILVA LIMA. Meteorologia; febres; varíola; o beribéri e a água d'Itaparica; as exhalações dos prédios incendiados. In *Gazeta Médica da Bahia*, n. 12, ano VIII. Salvador, dez 1877.

XII SHCU

SEMINÁRIO DE
**HISTÓRIA DA
CIDADE E DO
URBANISMO**
Porto Alegre
15 a 18 de outubro 2012

**A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS
NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE:
UMA VIA DE MÃO DUPLA**



Mestrado em História Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

BRITTO, Dr. Antonio Carlos Nogueira. *A Medicina Baiana nas Brumas do Passado (Arquivos do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins)*. Salvador: Contexto e Arte Editorial, 2002.

CIRCUNDES, Anísio. O Asylo João de Deus. In: *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina*. Salvador: Typographia Bahiana, 1905.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *As Contribuições Originais da "Escola Tropicalista Baiana"*. Publicação da Universidade Federal da Bahia, 1976.

PAZ, Daniel. *Topoi Nocivos e Salubres: as recomendações geográficas da medicina baiana e suas transmutações*. In: Anais do 2º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação. 2 a 4 nov de 2011. CD-ROM. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2011.

PIRAJÁ DA SILVA. Notas. In: NOBREGA, Bernardino Ferreira. *Memória Histórica sobre as victorias alcançadas pelos Itaparicanos no decurso da Campanha da Bahia, quando o Brasil proclamou sua independência*. Edição facsimilar da primeira e única edição. Salvador: Typographia Social – Cine Theatro São Jeronimo, 1923.

SILVA LIMA, José Francisco da. Ensaio sobre o Beriberi no Brazil. Salvador: Livrarias de J.B. Martin, Catilina e C. e Viúva Lemos, 1872.

VILLAÇA, Augusto Flavio Gomes Villaça. Relatório apresentado à Inspectoria Geral de Hygiene, 31 dez 1897. In: DIAS, Satyro de Oliveira Dias. *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Cons. Luiz Vianna*, 7 mar 1898.

VIANNA, Francisco Vicente. *Memória sobre o Estado da Bahia*. Salvador: Typographia e Encadernação do Diário da Bahia, 1893.